

SERRA-PILAR

8 novembro 2015 | ano 41 | Tempo Comum, 32º Domingo | 1931

«Desde o meu curso de Teologia que me sinto devorado pelo desejo de tudo saber, o que se passa, o que se pensa, o que se diz. Foi a Teologia que me despertou para o Mundo, e desde então abri todas as janelas que pude apesar de viver num pequeno país periférico e numa Igreja de trazer por casa, Igreja que está em Portugal e que nunca desprezei mas a que nunca me limitei, Igreja que amei com o maior amor que tenho para lhe dar, mas por quem nunca me deixei domesticar.

Nunca reservei as questões difíceis para gente capaz, ainda que tivesse que partir o Pão em pedaços muito pequenos e até de os mastigar primeiro na minha boca como as mães fazem com os filhos pequenos. Apesar da minha admiração por tantas bocas de ouro cujas leituras me deliciam nos meus noturnos, só tenho um modelo para a minha forma de ensinar: Jesus, o modelo de todos os presbíteros.»



**O Pe. Leonel passou pela Serra do Pilar,
num percurso de vida marcante para a Igreja que está no Porto**

Pe. Leonel Oliveira

(9 Maio 1934 – 2 Novembro 2015)



LOGO QUE O SOUBE PELO TELEFONE ME LEMBREI do que tinha lido em 1964 [1974] numa grande revista que durou pouco – Boletim de Informação Pastoral: o nascimento “da paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua ... [é] uma das mais interessantes experiências pastorais ultimamente realizadas em Portugal: a da formação de uma comunidade paroquial numa zona pastoralmente quase abandonada”.

Estava longe de imaginar quanto as nossas vidas se encontrariam, do outro lado da cidade. Ele foi o maior mestre da minha vida. O seu nome reúne-se aos do Gaspar e dos Dr.s Narciso e Albino. Nesta hora, a maior homenagem que posso fazer ao Leonel é recordar-lhe a famosa “Carta à Paróquia” de 1974 que tanta gente apavorou.

Arlindo de Magalhães

Carta à paróquia o Senhor Jesus do Padrão da Légua

Setembro de 1974

«... a nossa mais grave opção, a que vai condicionar todas as outras, a ponta-de-lança de toda a nossa transformação é a Evangelização. O primado da Evangelização na vida e na acção da Comunidade é uma opção fundamental. Será a razão profunda de tudo o mais, fonte de inevitáveis conflitos. O Evangelho que nos uniu até agora poderá ser aquilo que nos desunirá no futuro!... Ou tornamos uma Comunidade Evangelizadora ou deixaremos de existir como comunidade. Os mais conscientes da nossa comunidade não estão dispostos a ser uma comunidade-que-dá-sacramentos a quem os não quer ou a quem os quer e ninguém sabe para quê. Como é possível levar a sério o Baptismo para nós e levá-lo a brincar para os outros? Como é possível continuar a celebrar missas-pelos-mortos, e ter fé na Eucaristia? Como é possível fazer do Matrimónio um sinal de Graça, e continuar a abençoar casamentos sem graça? Esta divisão profunda na nossa consciência pode matar-nos, e nós não estamos dispostos a morrer desta

maneira. Basta assistirmos cada dia à morte de padre e leigos que se deixaram matar por uma situação desgraçada...!

Fecharemos definitivamente os sacramentos e só os daremos aos membros da Comunidade, e àqueles que, pela Fé, entrem a fazer parte da Comunidade. Quem nos vier pedir sacramentos e não aceitar os compromissos essenciais da Vida em Cristo, ficará à porta até se converter e...pela Fé, for capaz de actos de Fé.

A porta da Comunidade a queremos cada vez mais acolhedora, mais séria e exigente. Abriremos os braços a todos os que na sinceridade procuram Jesus Cristo. A multiplicação de formas de acolhimento, pela informação, pelo diálogo, pela progressiva iniciação nos mistérios da Fé, procurará, na medida do possível, apurar todos os choques, ansiedades, e as aspirações confusas.

Mas nós não esperaremos pelas pessoas. Os níveis de encontro com a multidão que nos procura para pedir sacramentos são sempre confusos e equívocos. Estas plataformas de encontro não nos agradam de maneira nenhuma, pois as pessoas chegam até nós sem nada ou quase nada. Nós não esperaremos pelas pessoas. A nossa vocação é o Mundo. Espalhar-nos-emos pela Terra como semente.

É na Terra que reencontraremos a fecundidade. Não haverá mundos fechados para nós, pois aquilo que Jesus abriu ninguém o poderá fechar. O anúncio do Evangelho será a nossa obsessão diária: “Ai de mim se eu não evangelizar!”.

O que nos une é a mesmo Fé do deus de N. S. Jesus Cristo, o Pai que habita em nós pela Força do seu Espírito; o que nos une é a Palavra, centro da Vida e da Fé. Reunidos, unidos e alimentados pela Eucaristia, sentimo-nos empenhados até aos cabelos, comunitariamente empenhados na missão (Mt 28, 19-20).

Seremos uma comunidade evangelizadora! Como? Como vamos fazer chegar aos outros homens, não convertidos, a Palavra de Deus em ordem a pô-los em contacto com o Evangelho do Senhor? Com que sinais vamos tornar presente no Mundo o senhorio de Deus? A única coisa com que contamos é a força do Espírito. É o Pentecostes que nos realiza. Como deixar que o Espírito nos alcance para sermos Sinal? Como seremos comunidade evangelizadora? Como vamos evangelizar?

Será, primeiramente, pelo testemunho quer individual (“donde lhe vem este poder”), quer comunitário (“pelos frutos...”, “vede como eles se amam!”). Tocaremos o Mundo por aquilo que dizemos se isso for a expressão daquilo que fazemos. Acabou o tempo da faladura.»

Para ler na íntegra a Carta:

<http://serradopilar.com/wp-content/uploads/2015/11/cartaacomunidadepeleoneel.pdf>

In **Leonel**, <http://serradopilar.com/leonel-oliveira/> (02-11-2015)



**Lembrar o Dr. Narciso,
é um dever de inteira justiça.**

Narciso Rodrigues: um padre na fronteira do mundo e do Reino

UM GRUPO DE ANTIGOS ALUNOS E AMIGOS RESOLVEU EVOCAR A MEMÓRIA do Cónego **Dr. Narciso Rodrigues**, no centenário do seu nascimento. Será no próximo domingo, 27 de setembro, na Casa de Vilar. Para os que já o não conheceram, lembremos que dedicou a sua vida à formação do clero, nos seminários da nossa Diocese e, além de pároco, foi durante largos anos assistente nacional e diocesano da Acção Católica, nomeadamente da LOC/MTC. A mim, foi-me dado conhecê-lo nos últimos anos da sua vida e posso testemunhar a empatia profunda que tinha com as pessoas militantes e o estilo simples e profundo com que vivia o seu sacerdócio. Por isso, tem todo o sentido o gesto de recordar a sua figura e de reviver o ardor do seu apostolado.

Quando se presta homenagem a um sacerdote, o nosso olhar não vai apenas para o homem, mas sobretudo para a acção da graça divina que se manifesta nele. O Dr. Narciso, como era conhecido, viveu intensamente a missão da Igreja na região fronteiriça de um mundo em ebulição, qual foi o mundo do século passado e é o mundo de hoje. A acção católica nasceu para levar o evangelho de Jesus a esse mundo rico de virtualidades que é o mundo da revolução industrial. Aqui se viveram confrontos ideológicos duríssimos e se conheceu a tentação do ateísmo militante que fascinou a chamada classe operária. A Igreja soube ler esse mundo melhor ou pior, produziu um corpo de reflexão teológica e pastoral que chamamos “doutrina social da Igreja” e formou movimentos de militância cristã que tiveram e têm um imenso mérito ao estar lá, partilhando as causas, sofrendo com as dúvidas e, às vezes, as incompreensões, lutando com os desvios,

defendendo os trabalhadores pobres que são o motor do mundo e não beneficiam suficientemente dos benefícios que as suas mãos produzem.

O mundo moderno, com efeito, é caracterizado por muitas coisas importantes. Uma delas é o da chegada do povo simples e pobre à condição da cidadania, tanto da cidadania política como da cidadania económica. Esse processo de emancipação já logrou resultados interessantes, mas a sociedade ainda está longe de incluir todos os seus membros no reconhecimento da dignidade em todos os seus aspectos. Este movimento de dignificação tem a sua raiz no evangelho de Jesus. Por isso, a Igreja não pode ficar alheia a ele, ou melhor, a Igreja não pode deixar de se situar, a seu modo, no motor desse movimento. Por isso, a causa do apostolado social não pode deixar de fazer parte do quotidiano da acção dos pastores e dos fiéis.

É por isso que lembrar o Dr. Narciso e diversos outros que viveram essa mesma causa na nossa diocese, como sejam o Cónego António dos Santos, o P. Manuel Gonçalves, [Pe. José TORRES MAIA], para só citar os mortos, é um dever de inteira justiça.

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA

In *Voz Portucalense*, 23 de Setembro de 2015

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não

Porque os outros usam a virtude

Para comprar o que não tem perdão.

Porque os outros têm medo mas tu não.

Porque os outros são os túmulos caiados

Onde germina calada a podridão.

Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem

E os seus gestos dão sempre dividendo.

Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos

E tu vais de mãos dadas com os perigos.

Porque os outros calculam mas tu não.

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004)

In *Mar Novo* (1958)



In Memoriam

Começa o tempo
quando se une a vida à nossa gratidão

Herberto Helder (1930-2015)

Hoje morreu o P. Leonel Oliveira

HOJE MORREU O P. LEONEL OLIVEIRA, na mesma casa onde nasceu há 81 anos. Presbítero da Igreja, intelectual admirável, viveu a sua missão apostólica como um exercício de inteligência da Fé e de ciência da Esperança. Foi um humanista cristão e um cristão humaníssimo, uma voz singular e profética na Igreja do nosso tempo. Num dia como o de hoje é grande a tentação para o elogio fúnebre. E temos tantos e tão bons motivos para o seu elogio fúnebre. Mas não... hoje não, não seria do seu agrado esse exercício de convenção que dedicamos àqueles que nos morrem. Neste dia em que a Igreja lembra com particular comoção aqueles que já partiram deste mundo e que Deus acolheu na luz da sua presença, fomos informados de que o P. Leonel partiu deste mundo e, por isso, aqui nos reunimos com a consciência de que Deus o acolhe na luz da sua presença.

Há alguns anos que sofríamos com o seu sofrimento, com a consciência de que se dissipava nele uma Luz que nos iluminou o Caminho, uma Luz que não era sua, mas de que era mediador; uma Luz que era sua na medida em que a guardava [como quem guarda o Futuro] e que já não era sua porque a partilhava. O P. Leonel mediava a Luz de Deus como quem partia o Pão e anunciava o Evangelho como quem mediava a Luz... uma Luz que iluminava e aquecia. Não, não se trata de um elogio, mas de uma evidência para aqueles que com o P. Leonel partilharam um quotidiano que tinha uma densidade sacramental e teologal: é verdade... a sua vida permitia-nos uma consciente e progressiva identificação com Cristo.

Não quero que a afirmação de que se tratava de um homem apostólico soe a elogio. Na verdade, trata-se de uma consequência de ter assumido profundamente não só o seu múnus presbiteral, mas fundamentalmente a sua tão profunda consciência batismal, crismal e eucarística.

E não quero que a afirmação de que se tratava de um homem profético soe a elogio. Na verdade, trata-se de uma consequência de ter escolhido dedicar a sua vida à Palavra, de se ter emprestado incondicionalmente ao Evangelho, sem abdicar da sua liberdade nem apanhar as migalhas de protagonismo que saciam vaidades e ambições. O P. Leonel não desperdiçava um feixe de Luz, nem perdia uma só sílaba da Palavra que Deus o chamara a anunciar.

Também não quero que a afirmação de que se tratava de um homem santo soe a elogio. A santidade não era para o P. Leonel um estatuto, mas uma vocação, à

qual foi respondendo afirmativamente durante toda a sua vida e não com menos intensidade nesta última fase, em que uma doença silenciosa o foi privando de memória e discernimento. Mesmo doente, o P. Leonel foi igual a si próprio: expressão comovente do amor de Deus.

Não se trata de um elogio fúnebre, muito menos de um discurso com pretensões hagiográficas. Ainda que me sinta profundamente abençoado por ter partilhado a sua experiência de santidade, não me sinto particularmente tentado pelo brilho da glória dos altares. Como escreveu o P. Américo: «Não são as coisas que se sabem dos homens de Deus, que os levam à glória dos altares. O melhor não se sabe. Eles não o disseram.» Caminho tantas vezes de agruras e asperezas tantas que conformam os homens a não desejá-lo.

Mas foi assim que o vimos: um homem comprometido com a vocação universal à santidade, um homem comprometido com a economia da salvação, um homem comprometido com aqueles que Deus lhe confiava, um homem comprometido... E ele, que nunca abdicou da liberdade dos Filhos de Deus, definiu-se muitas vezes a si próprio quando nos alertava para sermos alegres e corajosos, simples e desassombrados.

Neste dia 2 de novembro de 2015, dói-nos a sua perda. Não porque fosse jovem, nem porque fosse a sua morte inesperada... mas porque sentimos que estamos mais pobres, menos iluminados. É com o coração puído e cinzento que o digo. Mas o luto não vai impor esta dor, porque a morte é mentira e porque Deus é incomensuravelmente maior do que a saudade que a sua perda nos deixa.

Recordando com gratidão comovida a sua vida, ocorrem-me as palavras de Raul Brandão: «Se tivesse de recomeçar a vida, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habituou: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei a vida. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura de uma pedra. Não sei – nem me importo – se creio na imortalidade da alma, mas do fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espetáculo desabalado da vida.»

E se este não é um elogio fúnebre, pode bem ser um exercício de gratidão. Como se lê num poema de Herberto Helder: «Começa o tempo quando se une a vida à nossa gratidão.» Em nome da comunidade da Capela de Fradelos, no Porto, onde o P. Leonel foi capelão desde 1991, venho aqui dizer a Deus com o coração incendiado que lhe estamos gratos por nos ter emprestado o P. Leonel e agradecer ao P. Leonel por se nos ter emprestado por vontade de Deus. Nesse sentido, hoje não termina a vida nem começa a morte, mas recomeça o tempo.

José Rui Teixeira

<https://www.facebook.com/joserui.teixeira/posts/1186639188020011> (02-11-2015)

Pe. Leonel Oliveira (1934 – 2015): testemunha do Evangelho

«Desde o meu curso de Teologia que me sinto devorado pelo desejo de tudo saber, o que se passa, o que se pensa, o que se diz. Foi a Teologia que me despertou para o Mundo, e desde então abri todas as janelas que pude apesar de viver num pequeno país periférico e numa Igreja de trazer por casa, Igreja que está em Portugal e que nunca desprezei mas a que nunca me limitei, Igreja que amei com o maior amor que tenho para lhe dar, mas por quem nunca me deixei domesticar.»

As palavras são do P. Leonel Oliveira, um justo e um profeta que foi hoje a sepultar, depois de ao longo dos seus 81 anos, ter sido um testemunho do Evangelho. Praticamente no início do seu ministério, foi enviado para a periferia do Porto, uma zona de missão, mergulhando no meio de gente simples e lançando, desde a primeira metade dos anos 70, a semente de uma comunidade acolhedora, no Padrão da Légua. Não foi bem recebida esta ousadia (ver [AQUI](#) a enunciação do projeto que a animava) pelos responsáveis diocesanos, por membros do clero e mesmo por alguns membros da população.

Dedicou-se, depois, ao trabalho operário, numa cooperativa de mobiliário, em Sobrado, Valongo, a que se seguiu a opção por ir viver em pleno coração do Bairro da Sé, na zona histórica do Porto. A Viela do Anjo e as iniciativas a partir desse espaço lançadas visaram ajudar a população local a assumir com autonomia e determinação a luta contra a degradação socioeconómica e moral e por condições de vida dignas.

Já antes colaborara com a experiência de catecumenato na Comunidade Cristã da Serra do Pilar, uma referência eclesial que emergia na outra margem do Douro. Viria a assumir, em meados dos anos 90, por solicitação do bispo diocesano, a responsabilidade pelo Centro Catecumenal do Porto, um espaço de iniciação e de formação de cristãos adultos na fé e na participação na vida da Igreja e da sociedade, que teve por base a capela de Fradelos, no coração da Cidade Invicta.

Um homem atento, culto, despojado e disponível, de uma grande vivência espiritual, foi um testemunho marcante por onde passou.

Seria de todo o interesse reunir e publicar muito do que escreveu.

Alguns textos do (e relacionados com a ação do) P. Leonel Oliveira:

- [Pe. Leonel Oliveira \(9.Maio.1934 – 2.Novembro.2015\)](#)
- [Homilia no 3º Domingo da Quaresma 2010, Capela de Fradelos \(7 de Março\)](#)
- [Carta à Comunidade da 'Paróquia do Senhor Jesus do Padrão da Légua', setembro de 1974](#)

<http://religionline.blogspot.pt/2015/11/pe-leonel-oliveira-1934-2015-testemunha.html> (03-11-2015)